



Agrupamento de Escolas Augusto Cabrita *Escola Secundária Augusto Cabrita*

*“Não é grave que (os nossos alunos) sejam
ultrapassados pelo nível dos textos.
Somos todos ultrapassados por Dante, por Baudelaire.
O que conta é marcá-los, dar-lhes vontade.”*
G. Steiner

Palestra

Nestes tempos que nos coube viver, somos possuídos por uma vertigem inconsequente, sem tempo para pensarmos sobre o que perdemos, sobre o que deixamos para trás, dando por nós a assumir que cada nosso amanhecer já vem eivado de atrasos!

Permitamo-nos hoje, por uma vez que seja, uma pequena pausa neste nosso correr constante e dediquemos um pouco do nosso tempo à curiosidade, ao descobrimento e ao deslumbre!

Escutemos, para início desta nossa jornada, a *Tocatta* que abre a fabulosa ópera *L'Orfeo* de Claudio Monteverdi (1567 – 1643), numa sublime condução do maestro John Eliot Gardiner.

Iremos, nesta nossa deambulação, entreabrir a porta que nos permitirá penetrar um pouco no sortilégio e no encanto do fascinante mundo dos Quadrados Mágicos.

Como estamos em Dezembro, penso que é de todo apropriado principiar esta nossa viagem na companhia da fabulosa e impressionante oratória “Messias”, da autoria de um dos nomes maiores de toda a música ocidental, G. F. Handel (1685 – 1759), na versão de 1754, com a excelsa direção do maestro Christopher Hogwood, começando por realçar a grandeza da cultura milenar chinesa.

Realçaremos, igualmente, a importância da civilização indiana, abordando, a seguir, algumas surpreendentes propriedades do quadrado mágico de Chautisa Yantra.

Faremos um pouco a ponte entre as civilizações indiana e árabe, através de uma breve referência a um teólogo e académico sírio Severus Sebokht (575 – 667), enfatizando, então, o brilho da civilização árabe e fazendo uma particular e funda alusão aos “Irmãos da Pureza”, de Bassorá, e à sua resplandecente Enciclopédia de Bagdade (Séc. X).

Passaremos pela Constantinopla do comentador e gramático bizantino Manuel Moschopoulos (c. 1265 – c. 1300), debruçando-nos de modo breve sobre a sua obra, recuperando o nome de imorredouro Hesíodo (Séc. VIII a.C.), não deixando, também, de tecer rasgados encómios ao teatro de Sófocles (Séc. V a.C.), considerado o maior poeta trágico da Grécia Antiga.

Aportaremos, depois, ao Renascimento Europeu, onde iremos encontrar o matemático e frade franciscano italiano Luca Pacioli (1445 – 1517), o místico e ocultista germânico Heinrich Agrippa (1486 – 1535), não podendo deixar, obviamente, de exaltar o nome de Giovanni Pico della Mirandola (1463 – 1494), um dos mais admiráveis vultos do Humanismo Renascentista.

Abriremos um fugaz parêntesis para prestar uma breve homenagem a Jorge Luis Borges (1899 – 1986), citando-o, numa sua mui bela fala: “Não se pode medir o tempo por dias, como o dinheiro por centavos ou pesos, porque os pesos são iguais e cada dia é diferente e talvez cada hora.”

Prolongando um pouco mais o parêntesis já aberto, escutaremos *Or che per l'onde*, uma impressionante canção do mestre italiano renascentista Sigismondo D'India (1580 – 1629), contemporâneo de Claudio Monteverdi, com a donairoso direção do maestro Gabriel Garrido.

Proseguiremos na companhia de algumas das belas *Suites Francesas* compostas por um dos nomes maiores da cultura ocidental, J. S. Bach (1685 – 1750), e interpretadas pelo reluzente pianista Glenn Gold.

Aclamaremos, então, o gravador, pintor e teórico alemão Albrecht Dürer (1471 – 1528), considerado o maior artista do Renascimento do norte da Europa, debruçando-nos um pouco sobre o quadrado mágico inscrito na sua gravura “Melancolia I” e sobre as suas muitas e espantosas propriedades. Aproveitaremos o ensejo para, ao divisarmos um pouco da arte de Dürer, enfatizar Erasmo de Roterdão (1466 – 1536), um dos nomes maiores do Renascimento Europeu.

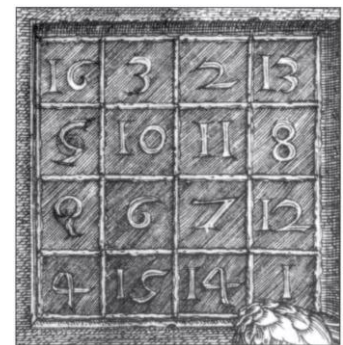
A propósito do jogo das damas, falaremos dos génios dos insignes matemáticos Carl F. Gauss (1777 – 1855) e Georg Cantor (1845 – 1918).

Referiremos o nome do arquitecto Josep Maria Subirachs e da sua Fachada da Paixão, para chegarmos à espantosa obra A Sagrada Família e ao irradiante génio de Antoni Gaudi (1852 – 1926).

Tentaremos ainda lobrigar, de forma fugaz, o excêntrico e misterioso quadrado Sator que parece nos remeter para o primeiro século da Cristandade.

Como fecho desta nossa pequena abordagem a este mundo de enredos, iremos tentar construir, serenamente, alguns desses quadrados ditos mágicos, continuando envolvidos nas belas *Suites Francesas*.

Para encerrar, então, de forma encantatória este breve olhar — que espero que tenha sido do vosso agrado — sobre o fascinante mundo dos Quadrados Mágicos, escutaremos o deslumbroso coro final *Hymne de l'Amour* da ópera “Orfeu e Eurídice” de Christoph Willibald Gluck (1714 – 1787), com a opima direção de orquestra de John Eliot Gardiner.



Barreiro, 10 de Dezembro de 2018
Prof.: José Carlos